

Fabiano Eloy Afílio Batista  
(Organizador)

# ARTE

Multiculturalismo e  
diversidade cultural

2



Atena  
Editora

Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista  
(Organizador)

# ARTE

Multiculturalismo e  
diversidade cultural

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Fabiano Eloy Atílio Batista

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2 /  
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa  
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-531-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.317210410>

1. Artes. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II.  
Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes.

As discussões propostas ao longo dos 39 capítulos que compõem esses dois volumes estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, ao Multiculturalismo e a Diversidade Cultural, buscando uma interlocução atual, interdisciplinar e crítica com alto rigor científico.

Por meio das leituras, podemos ter a oportunidade de lançarmos um olhar por diferentes ângulos, abordagens e perspectivas para uma ampliação do nosso pensamento crítico sobre o mundo, sobre os sujeitos e sobre as diversas realidades que nos cerca, oportunizando a reflexão e problematização de novas formas de pensar (e agir) sobre o local e o global.

Nesse sentido, podemos vislumbrar um conjunto de textos que contemplam as diversidades culturais existentes, nacionalmente e internacionalmente, e suas interlocuções com o campo das Artes, considerando aspectos da linguagem, das tradições, do patrimônio, da música, da dança, dos direitos humanos, do corpo, dentre diversas outras esferas de extrema importância para o meio social, enfatizando, sobretudo, a valorização das diversidades enquanto uma forma de interação e emancipação dos sujeitos.

Os capítulos desses dois volumes buscam, especialmente, um reconhecimento da diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das desigualdades, pois enfatizam que se atentar para a diversidade cultural e para o multiculturalismo é respeitar as múltiplas identidades e sociabilidades, de forma humana e democrática.

A coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola que direciona as discussões acadêmicas para o respeito às diversidades, sobretudo nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos ainda, mediante essa coletânea, a importância da divulgação científica, em especial no campo das Artes e, especialmente, a Atena Editora pela materialização de publicações de pesquisas que exploram e divulgam esse universo, sobretudo nesse contexto marcado por incertezas e retrocessos no campo da Educação.

Ademais, espera-se que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando o surgimento de

















novas pesquisas e olhares sobre o universo das Artes, do Multiculturalismo e da Diversidade Cultural.







A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UNA REFLEXIÓN SOBRE EL ESTILO EN EL ANÁLISIS DE LA OBRA DE J. BARBI Y R. GREGORES	
Laura Navarrete Álvarez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104101">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104101</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
ARTE E ATIVISMO AMBIENTAL NA POÉTICA DE FRANS KRAJCBERG	
Regina Lara Silveira Mello	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104102">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104102</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
AS PAIXÕES DO ITALIANO MECARELLI: FOTOGRAFIA E PARATY	
Paulo Fernando Pires da Silveira	
Artur Cesar Isaia	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104103">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104103</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL EN EXPRESIÓN DRAMÁTICA CON SÉNIORES	
Fernando José Sadio-Ramos	
María Angustias Ortiz-Molina	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104104">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104104</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
POLÍTICAS CULTURAIS NA BAIXADA FLUMINENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO ESTADO NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS – RJ	
Marlon Santos Dias	
Janaína Machado Simões	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104105">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104105</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
POLÍTICA CULTURAL PARA AS ARTES: EM BUSCA DE UM CURTO-CIRCUITO	
Carlos Dalla Bernardina Junior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104106">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104106</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA LEITURA SOB ALENTE DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	
Cleide Emília Faye Pedrosa	
Alzenira Aquino de Oliveira	
Juliana Barbosa Alves	
João Paulo Lima Cunha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104107">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104107</a>	

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>80</b>
A SENTENÇA SOCIAL E OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO INTERIOR DAS COMUNIDADES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL A PARTIR DO POVO GUARANI-KAIOWÁ, VIABILIZANDO AS MULHERES INDÍGENAS	
Ana Carolina de Oliveira Campos José Manfroi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104108">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104108</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>96</b>
OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS	
Michele Mara Domingos Rosemyriam Cunha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104109">https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104109</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>109</b>
CARÁ-ROXO ( <i>DIOSCOREA TRIFIDA</i> ): A POSSIBILIDADE DE UM RESGATE DE HÁBITOS NA ALIMENTAÇÃO ALAGOANA	
Polianny Gusmão Remigio Costa Amanda Christina Simplício Calheiros Cristiana Purcell	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041010">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041010</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>116</b>
DE FIORI NO LIMBO	
Marcos Faccioli Gabriel	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041011">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041011</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>132</b>
A ILUSTRAÇÃO DO VAZIO	
Mário Sette	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041012">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041012</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>140</b>
PINTORES CANARIOS ACTUALES EN UNA ESTÉTICA DEL PAISAJE. PAISAJES NEORROMÁNTICOS Y VISIONES DEL PAISAJE EN LOS LÍMITES DE LA ABSTRACCIÓN	
David Manuel Méndez Pérez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041013">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041013</a>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>157</b>
TUNGA: JOGO DE AFINIDADES	
Wellington Cesário	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041014">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041014</a>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>163</b>
RÉPLICAS DO “EFEITO BILBAO”: A NOVA GERAÇÃO GLOBAL	
Jordi Oliveras Samitier	
Mila Nikolić	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041015">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041015</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
DOCUMENTÁRIO; VIDEOARTE – DO BRASIL PARA O MUNDO, DO MUNDO PARA O BRASIL	
André Hallak Martins da Costa Camilo Guimarães de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041016">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041016</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>188</b>
HOW TO PLAY MODERN BASSOON IN A CONTINUO SECTION WITHOUT LOSING THE RESPECT OF YOUR COLLEAGUES	
Mathieu Lussier	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041017">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041017</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>200</b>
ITINERÁRIO FOTOGRÁFICO DE PAULA SAMPAIO EM “ANTES DO FIM”	
Melissa Barbery Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041018">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041018</a>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>210</b>
QUADRILHA JUNINA NO CONTEXTO DO RN: GÊNERO E SEXUALIDADE, PAUTAS LEVANTADAS NO ÂMBITO DA MANIFESTAÇÃO POPULAR	
Douglas Barros Gomes	
Marcilio de Souza Vieira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041019">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041019</a>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
PINTURAS NORDESTINAS: UMA RELEITURA DE ARTISTAS POPULARES BRASILEIROS, SOB A ÓTICA DE JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO DISTRITO FEDERAL	
Anna Rosa Scherma de Oliveira	
Claudia Candida de Oliveira	
Jaqueline Ornelas de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041020">https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041020</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>226</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>227</b>

# CAPÍTULO 7

## DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA LEITURA SOB A LENTE DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

*Data de aceite: 21/09/2021*

*Data de submissão: 04/08/2021*

**Cleide Emília Faye Pedrosa**

Universidade Federal de Sergipe  
Aracaju-Sergipe

**Alzenira Aquino de Oliveira**

Universidade Federal de Sergipe  
Aracaju-Sergipe

**Juliana Barbosa Alves**

Universidade Federal de Sergipe  
Aracaju-Sergipe

**João Paulo Lima Cunha**

Centro Universitário Estácio Sergipe  
Aracaju-Sergipe

Este capítulo é uma versão com algumas alterações do Trabalho apresentado no III Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, em 2021, sob o título: “Direitos Humanos interculturais: por uma educação de reconhecimento e redistribuição para os(as) surdos(as)”.

**RESUMO:** Este capítulo é resultante do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado Aprendizagem cidadã no contexto da cidadania-humanização: o papel da Análise Crítica do Discurso em prol de grupos vulneráveis, que trabalha com grupos vulneráveis, no nosso caso, a comunidade surda. Sabemos que o Povo Surdo tem em sua história a denegação de direitos que, ao longo dos anos, tem se

tornado uma marca de luta da comunidade surda por reconhecimento de sua identidade e sua cultura, bem como por uma educação formal bilíngue. Buscamos aporte na Análise Crítica do Discurso (ACD), cujos objetivos voltam-se para a denúncia de relações opressivas. Ancorados no caráter transdisciplinar da ACD, dialogamos, sob uma perspectiva decolonial, com os Estudos Surdos e os Estudos dos Direitos Humanos Interculturais. Com isso, o objetivo é analisar linguística e sociodiscursivamente discursos reivindicatórios dos(as) surdos(as) quanto a seu direito intercultural de ter uma educação formal bilíngue. Os fragmentos foram analisados à luz da metodologia qualitativo-interpretativista por se tratar de uma pesquisa de viés social. Para atender às análises linguísticas, utilizamos uma gramática que considera o contexto de cultura quanto ao uso da língua, qual seja, a Gramática Sistemico-Funcional. Como resultado, os discursos de reivindicação dos(as) surdos(as) por reconhecimento e redistribuição de uma educação bilíngue nos ofereceram condições de refletir sobre a denegação dos direitos imposta ao Povo Surdo e a necessidade urgente de acesso aos Direitos Humanos Interculturais que reconheçam os aspectos da identidade e da cultura da comunidade surda por uma educação equitativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Crítica do Discurso. Reconhecimento. Redistribuição. Direitos Humanos Interculturais. Povo Surdo.

## INTERCULTURAL HUMAN RIGHTS AND DEAF EDUCATION: A READING FROM THE LENS OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

**ABSTRACT:** This work is part of the Research Project – named Citizen learning in the context of citizenship-humanization: the role of Critical Discourse Analysis for vulnerable groups – which works with vulnerable groups, the deaf community in our case. We know that Deaf People have in their history the denial of rights that, over the years, has become a mark of the struggle of the community for recognition of their identity and culture, as well as for formal bilingual education. We seek to contribute to the Critical Discourse Analysis, CDA, which focuses on the denunciation of oppressive relationships. Anchored in the transdisciplinary character of the CDA, we dialogue with Deaf Studies and Intercultural Human Rights Studies, from a decolonial perspective. Thus, the objective is to analyze linguistically and discursively the discourse of the deaf as to their intercultural right to have a formal bilingual education. We analyzed the passages in the light of the qualitative-interpretative methodology because this research has social bias. To assist linguistic analysis, we used a grammar that considers the social context of language use, the Systemic-Functional Grammar. As a result, the speeches of claiming the deaf for recognition and redistribution of a bilingual education provided us with conditions to reflect on the denial of rights imposed on Deaf People and the urgent need for access to intercultural human rights that recognize aspects of the identity and culture of the deaf community for equitable education.

**KEYWORDS:** Critical Discourse Analysis. Recognition. Redistribution. Intercultural Human Rights. Deaf People.

### 1 | INTRODUÇÃO

Uma análise crítica de contextos socioculturais que impregnam o mundo (ocidental) indica o quanto somos excludentes. Para nós, o conhecimento científico é, na atualidade, uma forma privilegiada de saber que se legitimou oficialmente, e, com ele, vêm outros privilégios, nomeados por Santos (2010a) como extracognitivos, como os sociais, os políticos, os culturais, entre outros. Na cultura de uma sociedade ouvintista<sup>1</sup>, a cultura surda, na maioria das vezes, é denegada ou invisibilizada. Tendo esses aspectos em pauta, o objetivo deste texto é analisar linguística e sociodiscursivamente discursos reivindicatórios dos surdos quanto a seu direito intercultural de ter uma educação formal bilíngue. Os fragmentos foram extraídos de produções textuais de candidatos surdos ao vestibular especial de Letras Libras da UFS, no ano de 2020, com a temática Escola bilíngue para surdos<sup>2</sup>.

Para desenvolver tal proposta, buscamos aporte na Análise Crítica do Discurso

---

1 “O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que esse seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, em que predomina a hegemonia por meio do discurso e do saber. Academicamente essa palavra - ouvintismo - designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização” (PERLIN, 2016, p. 59).

2 Pesquisa desenvolvida com o apoio do CNPq e vinculada ao Projeto de Pesquisa PVD7353-2019 - Aprendizagem cidadã no contexto da cidadania-humanização: o papel da Análise Crítica do Discurso em prol de grupos vulneráveis.

(ACD), cujos objetivos voltam-se para a denúncia de relações opressivas. Ancorados no caráter transdisciplinar da ACD, dialogamos, sob uma perspectiva decolonial, com os Estudos Surdos e os Estudos dos Direitos Humanos Interculturais. O *corpus* será analisado à luz da metodologia qualitativo-interpretativista por se tratar de uma pesquisa de viés social. Para atender às análises linguísticas, utilizamos uma gramática que considera o contexto de cultura quanto ao uso da língua, qual seja, a Gramática Sistêmico-Funcional.

Para situar o leitor, este capítulo será configurado na estrutura descrita a seguir: esta introdução, que tem a finalidade de apresentar resumidamente o perfil do capítulo; a seguir, exporemos o posicionamento da Análise Crítica do Discurso (ACD) em seu compromisso com os grupos periféricos, subalternos; logo após, apresentaremos o tópico que articula os Estudos Surdos com os Direitos Humanos Interculturais; posteriormente, abordaremos os caminhos que podem ser seguidos para desenvolver uma metodologia de pesquisa engajada; finalmente, faremos a aplicação das categorias selecionadas nas análises, refletindo sobre questões discursivas e sociais tanto no tópico de análise quanto na conclusão deste capítulo.

## 2 | A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E OS GRUPOS PERIFÉRICOS

A Análise Crítica do Discurso (ACD) abraça, em suas pesquisas de cunhos acadêmico e social, as causas dos grupos injustiçados (MELO, 2018; PEDROSA; CUNHA; BRITO, 2020). Assim, os analistas críticos do discurso procuram compreender o contexto sócio-histórico das práticas sociais visibilizadas nos discursos; e, sob essa perspectiva, visam lançar luz nas desigualdades, assumindo uma posição de engajamento em prol de grupos minoritários (MELO, 2018), reforçando, com isso, uma relação de solidariedade ética (CUNHA, 2021) que propicie “reflexões, conscientizações, inquietações e provocações diversas, para que sempre o leitor tome posição em favor dos vulneráveis” (PEDROSA; CUNHA; BRITO, 2020, p. 52).

A ACD surgiu na década de 1980, entretanto se consolidou a partir do papel desempenhado por um grupo de pesquisadores europeus na década de 1990. Nesse grupo, podemos nomear, entre outros, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. Eles apresentaram propostas analíticas diferentes, a depender dos campos de conhecimento acionados, porém interligadas pelo compromisso social e pela visão crítica de um paradigma que se pronunciava na visão funcionalista na área Linguística (WODAK, 2004; PEDROSA, 2005, 2012, 2016; MELO, 2018).

Em conformidade com Pedrosa (2013, p. 4), a ACD funciona “como um grande guarda-chuva que abarca correntes com propostas variadas de análise”. Essa característica tem origem no que registramos acima sobre o grupo pioneiro e suas propostas analíticas. Tendo como cabeça o pesquisador Norman Fairclough, temos a corrente dialético-relacional, a qual faz uma relação da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) com a Sociologia. Teun

van Dijk trabalha com a tríade linguagem, cognição e sociedade, casando as contribuições da Linguística Textual e da Psicologia Social. Nomeia-a, então, como abordagem sociocognitiva. Da parceria, por sua vez, entre Ruth Wodak e Martin Reisigl, desenvolve-se a abordagem histórico-discursiva. Em suas pesquisas, relacionam a Sociolinguística e a História. Outra parceria é a de Gunther Kress e Theo van Leeuwen. Eles desenvolvem a Gramática do Design Visual, cujo foco é a semiótica social (PEDROSA, 2012, 2013; MELO, 2018). Como podemos constatar, várias áreas são operacionalizadas pelas diferentes correntes: Linguística, Sociologia, Sociolinguística, Psicologia Social, História, Semiótica Social etc. Esse perfil define a ACD como sendo transdisciplinar (VIEIRA; MACEDO, 2018).

Acima está posta uma descrição resumida das correntes fundadoras da ACD, centrada numa epistemologia do Norte. Na sequência, faz-se necessário divulgar as correntes que surgiram centradas numa epistemologia do Sul.

Na América Latina, mais especificamente na Argentina, reconhece-se o trabalho da Profa. Dra. *María Laura Pardo*, vinculada à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Ela propôs o método sincrônico-diacrônico, que, segundo a analista crítica, “permite, mediante o mapeamento de categorias gramaticalizadas e semântico-discursivas, reconstruir representações sociodiscursivas que se encontram no próprio texto” (PARDO, 2017, p. 173-174). No Brasil, a Profa. Dra. Izabel Magalhães (UnB e UFC), uma das pioneiras de pesquisas em ACD, anuncia a abordagem etnográfico-discursiva. Nessa abordagem, o diálogo estabelecido é da ACD com a etnografia (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017). Continuando no Brasil, agora no Nordeste, a Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN e UFS) desenvolve a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). O diálogo transdisciplinar se faz com a Sociologia para a Mudança Social, a Sociologia Aplicada à Mudança Social, a Comunicação para a Mudança Social, os Estudos Culturais e, recentemente, acrescentou a Filosofia Social (PEDROSA, 2012, 2013, 2016, 2018; ALVES; PEDROSA, 2020).

Os estudos em ACD investigam temáticas relacionadas com os grupos vulneráveis, subalternos ou periféricos. Essas temáticas, envolvendo desigualdades sociais, respondem a um dos fortes objetivos dessa escola – denunciar as relações de poder que se velam como naturalizadas (FAIRCLOUGH, 2001; PEDROSA, 2005; MELO, 2018; VIEIRA; MACEDO, 2018). Desse modo, temos justificada a escolha por essa teoria para tratar das questões que envolvem a comunidade surda.

### 3 | OS ESTUDOS SURDOS E OS DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS

Socialmente, o conhecimento não é equitativamente distribuído. Facilmente se identifica que se destacam, em nossa sociedade tão desigual, privilégios epistemológicos e/ou sociológicos. Na verdade, um tipo sempre remete ao outro; por essa razão, convém considerar essas questões pelo viés dos Direitos Humanos Interculturais (SANTOS,



2010a). É preciso haver uma política reformista dos Direitos Humanos abstratos, por não serem universalmente aplicados, para uma leitura mais intercultural desses direitos. As vozes epistemológicas do Sul precisam ecoar socialmente, a fim de responder à pergunta “como poderão os direitos humanos ser uma política simultaneamente cultural e global?” (SANTOS, 2010a, p. 437). Segundo o sociólogo, devemos frisar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 foi elaborada com representação apenas de uma minoria dos povos.

Com o escopo de evidenciar a proposta do DHI (Direitos Humanos Interculturais), temos cinco premissas indicadas por Santos (2010a, p. 445-447), a saber: 1) superação entre universalismo e relativismo cultural; 2) “todas as culturas possuem concepções de dignidade humana, mas nem todas concebem em termos de direitos humanos”; 3) as culturas apresentam concepções de dignidade humana de maneira incompleta e mesmo problemática; 4) as culturas não são monolíticas; 5) “todas as culturas tendem a distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença [...], o da igualdade [...] e [...] o [...] da diferença”. Nessa mesma linha de raciocínio, chegamos ao entendimento de que as identidades são construídas por meio da relação com o outro, a alteridade, logo elas se constroem pelas diferenças e vivências sociais. Da mesma forma como acontece com todas as culturas, a surda é o resultado do comportamento compartilhado por pessoas surdas na experiência trocada com os seus pares, seja em locais institucionalizados (escolas, associações, igrejas) ou em encontros informais, o que, por sua vez, traz a identificação de pertencer a um povo distinto.

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho status social representado para o surdo: o surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usuário da cultura ouvinte (PERLIN, 2016, p. 56-57).

De acordo com a pesquisadora surda Perlin (2016), a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual, e essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como uma construção multicultural. É com base nesse entendimento que concordamos com o posicionamento de Boaventura Souza Santos (2010a) ao defender o direito fundamental de um grupo ser igual quando as diferenças o inferiorizam; assim como de ser diferente sempre que a igualdade o descaracteriza.

Vale ainda ressaltar dois importantes conceitos postulados por Karin Strobel (2016) que são bastante utilizados para falar sobre cultura surda: primeiramente, o Povo Surdo é considerado o grupo de indivíduos que compartilham a mesma língua, além de histórias, costumes, tradições e interesses semelhantes, enfim, uma origem em comum,

um código ético visual e a falta da audição. O segundo conceito, não menos importante, é a Comunidade Surda sendo composta não apenas por sujeitos surdos, mas por qualquer membro da família, intérpretes, professores, amigos e outros que possuem interesse e lutam em prol da valorização da surdez e do apoio aos indivíduos surdos de diversas formas, sendo efetuado em uma determinada localização de encontro em que há uma troca mútua do saber, e todos aprendem juntos no mesmo espaço.

Essas premissas nos remetem às diferenças entre as culturas surdas e as culturas dos ouvintes; contudo, podem também nos conduzir a um desejado diálogo intercultural através do reconhecimento da incompletude de cada cultura. Desse modo, buscaremos uma nova redistribuição de bens materiais e imateriais, como o educacional, por exemplo. Com essa postura, teremos a possibilidade de quebrar a hegemonia do imperialismo cultural ouvintista, estabelecida pelo fato de a população surda ser, em todo o mundo, minoritária, periférica.

#### **4 | CAMINHOS PARA UMA METODOLOGIA DE PESQUISA ENGAJADA**

Pardo (2015) defende que a ACD, em sua escolha metodológica, coloca o pesquisador como um observador e leitor crítico do mundo, porque trabalha com a interpretação de eventos sociais e discursivos registrados em textos. Podemos indicar que se trata de refletir sobre uma temática (com lentes para compreender uma representação discursiva da realidade); sobre um determinado campo de estudo (contribuindo para o avanço científico); e sobre o papel do pesquisador (uma pesquisa engajada) (CUNHA, 2021).

Pelo fato, já discutido, de ser a ACD transdisciplinar, ela também é multimetódica. Uma postura transdisciplinar efetiva-se, como orienta van Dijk (2008), quando os domínios de práticas acadêmicas distribuídas por todas as ciências humanas e sociais – com habitual interação entre teoria, métodos, descrições, análises e aplicações – complementam-se e dialogam. Dessa maneira, orientamo-nos, assim, pela corrente brasileira, de natureza transdisciplinar, proposta por Pedrosa (2012), a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, dialogando com os Estudos Surdos para atender às análises – que contemplarão o discurso e o social.

Atendo-nos ao postulado de produzir uma análise de discurso textualmente orientada, os discursos foram analisados linguisticamente sob a perspectiva de uma gramática de uso, a Gramática Sistemico-Funcional – GSF, proposta por Michael Halliday em 1994 (FUZER; CABRAL, 2014). Ela considera a semântica da língua (base sistemica) aliada à sua funcionalidade produzida nas sentenças da língua (funcional), permitindo-nos, com isso, analisar as produções textuais como fluxos de significações e intenções que medeiam as relações pessoais, considerando seus contextos de produção e as escolhas realizadas por seus autores (surdos) para construir seus significados, ao tempo em que representam sua compreensão de realidade do mundo.

As possíveis conexões estabelecidas entre as ciências sociais, por intermédio da GSF e da ACD, procuram refletir a respeito da linguagem e da sociedade, não as percebendo como uma dicotomia em que perdura a ideia de sobreposição, mas sim como elementos indissociáveis que costuram as performances culturais das línguas. A linguagem, nesse postulado, está no centro das problemáticas sociais, motivando-as, promovendo-as, sustentando-as.

Esse caráter social da GSF justifica o seu uso em associação com a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, de Pedrosa (2012), sendo que, para ambas, a função da língua é mais importante que a forma. Assim é que Halliday (2004) propôs três metafunções que atendem às necessidades dos falantes ao fazerem uso da língua. As metafunções são classificadas como ideacional, interpessoal e textual, atuando de maneira simultânea nos textos. Martin e White (2005) aprofundaram os estudos de Halliday e desenvolveram a teoria da avaliatividade, que explica o funcionamento da metafunção interpessoal. O Significado interpessoal são eventos comunicativos em que os atores assumem papéis, estabelecendo relações e expressando avaliações, com maior ou menor grau de intensidade, acerca de suas emoções afetivas, fazendo julgamentos do comportamento das outras pessoas e estabelecendo análises sobre elementos físicos. O Sistema de Avaliatividade encontra-se dividido em três subsistemas: Atitude – afeto, julgamento e apreciação; Gradação – intensidade (força) e precisão (foco); e Engajamento – monoglossia e heteroglossia.

Escolhemos o Sistema de Avaliatividade (ALMEIDA, 2010; VIAN JR., 2010) para indicar os aspectos léxico-gramaticais que validam a leitura da temática escolhida e que será explicado ao mesmo tempo que procederemos às análises.

Tendo em vista alcançar o objetivo proposto (analisar linguística e sociodiscursivamente discursos reivindicatórios dos surdos quanto a seu direito intercultural de ter uma educação formal bilíngue), coletamos 12 redações de candidatos surdos que fizeram o vestibular especial para entrada no curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no ano de 2020, e selecionamos 12 fragmentos (F) textuais-discursivos que contemplaram sua reivindicação por uma educação bilíngue e os analisamos segundo as categorias da GSF escolhidas e priorizamos, nas análises que seguem, as reflexões sociodiscursivas evidenciadas nas pistas linguísticas.

## **5 | AS LENTES ANALÍTICAS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO, DOS ESTUDOS SURDOS E DOS DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS**

Considerando que o objetivo deste estudo é analisar linguística e sociodiscursivamente discursos reivindicatórios dos(as) surdos(as) quanto a seu direito intercultural de ter uma educação formal bilíngue, selecionamos os fragmentos das redações, cujo foco recaiu no bilinguismo surdo.

Falar de bilinguismo surdo requer recuperar um pouco de sua história e dos métodos que foram desenvolvidos para a educação dos surdos, como o oralismo e a comunicação total, por exemplo.

No oralismo, é utilizada a fala para comunicação e educação, desconsiderando os aspectos linguísticos dos surdos (QUADROS, 1997), impondo uma língua de modalidade diferente, oral-auditiva, em detrimento da língua de sinais<sup>3</sup>, visual-espacial. A surdez, nessa proposta, é considerada como deficiência a ser tratada pela oralização. O oralismo perdurou “como única e exclusiva abordagem educacional por quase 100 anos. E ao final desse período, o fracasso acadêmico era maior que o sucesso desses estudantes” (BARROS; ALVES, 2019, p. 6). Na comunicação total, método que surgiu como alternativa ao oralismo, eram utilizados na educação dos surdos o oralismo, a leitura labial, o alfabeto digital, os sinais (GESSER, 2009). Contudo, o método se mostrou ineficaz, não trazendo avanços rumo a uma educação bilíngue (BARROS; ALVES, 2019).

A educação bilíngue, proposta linguisticamente adequada e acatada hoje (KARNOPP; KLEIN, 2016), “se diferencia do Oralismo porque considera o canal visogestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda”. E, diferentemente da proposta da comunicação total, “defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional e, portanto, advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se misture uma com a outra” (BARROS; ALVES, 2019, p. 6). Assim, na educação bilíngue, a língua de sinais é a língua de instrução dos surdos, sua L1, e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, sua L2, adquirida através da L1.

Vamos aos exemplos:

**F1: 01 – LL – UFS/2020**<sup>4</sup> “Então Escola Bilingue para surdos, ajuda muito, não é igual escola inclusão que surdo vai ficar feliz, entende melhor, comunica facilmente. Libras é primeira a língua e Português é segunda para surdo”.

**F2: 04 – LL – UFS/2020**<sup>5</sup> “É notório em escolas que tem crianças surdas que sua realidade ainda deixa a desejar pois ainda existem casos de crianças não assistida pelos profissionais e por falta de professores bilíngues, deixando assim esses alunatos descontentato ou até mesmo frustrados por não poder interagir com o meio os quais se encontram”.

**F3: 05 – LL – UFS/2020** “Na escola próprio bilíngue, o professor sabe Libras ensinaram alunos dos Surdos bem. [...] Os professores ensinaram muitos e coisas

---

3 “Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais - da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema lingüístico para expressarem idéias, sentimentos e ações. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade lingüística” (QUADROS, 1997, p. 47).

4 Foi criada uma nomenclatura para preservar a identidade dos candidatos, a saber: 01 (número aleatório por candidato), LL (curso Letras Libras), UFS (Universidade Federal de Sergipe), 2020 (ano do vestibular).

5 Candidato/a DA (deficiente auditivo).

dos Surdos aprenderam desenvolvendo bom muito importante educação bilíngue para surdos”.

**F4: 06 – LL – UFS/2020** “Difícil na inclusão de surdo e ouvinte não tem ingulmente por que maior os surdos não entender de português e coisa problema limite nenhum não aprender e não troca conversar, professor é língua de português mas é mais difícil essa os surdos não tem bilingue para inclusão que surdos estão limite são difícil não tem aquisição de aprender”.

**F5: 12 – LL – UFS/2020** “A todas as escolas de bilíngue de educação podem ser desenvolvidos pois, escola tem bilíngue, os professores estarão conhecendo a língua de sinais por meio, surdo e surdo estão compartilhando a Libras. O importante de ensinar a todos os surdos é Libras”.

É observado nos discursos dos surdos o uso de léxicos (“deixa a desejar”, “falta”, “descontentato”, “frustados” – F2; “difícil”, “não tem ingulmente”, “problema limite”, “não troca conversar” – F4) que remetem ao contexto educacional vivenciado pelos surdos, e isso se reflete em um sentimento, evidenciado pela categoria afeto, que “é um recurso semântico utilizado para realizar as emoções linguisticamente no discurso” (ALMEIDA, 2010, p. 101), de desrespeito de seus direitos, gerando uma insatisfação, subdivisão da categoria afeto que engloba emoções que “lidam com o sentimento de alcance ou frustração em relação às atividades em que está engajado” (ALMEIDA, 2010, p. 105), expressa através dos léxicos destacados.

Percebemos, também, nos excertos, um julgamento negativo, que são avaliações do comportamento das pessoas baseados em regras definidas culturalmente (ALMEIDA, 2010), por estima social, um julgamento que envolve críticas sem implicações legais (ALMEIDA, 2010), da sociedade não solidária à causa surda, e, no que concerne a seu direito e à falta de acesso à educação, os sujeitos fazem uma apreciação negativa, que “diz respeito às avaliações sobre elementos ao nosso redor, bens e serviços de nosso dia-a-dia” (ALMEIDA, 2010, p. 108).

Aos surdos, ao longo de sua história, foi negado o direito à educação, foi imposto o uso da fala, o oralismo, proposta educacional focada na reabilitação da fala, a fim “da normalidade, ou seja, a não surdez” (BARROS; ALVES, 2019, p. 6). A desvalorização de sua língua, a língua de sinais, levou a educação dos surdos a uma grande defasagem em sua aprendizagem formal. Percebemos isso na dificuldade que a maioria dos surdos tem com a Língua Portuguesa (“os surdos não entender de português”, “professor é língua de português mas é mais difícil essa” – F4), que foi ensinada para os surdos, com imposição, na sua forma oral e escrita, desconsiderando a língua de sinais e a diferença na modalidade das duas línguas no processo de ensino, bem como a metodologia adequada para o ensino de Língua Portuguesa como L2. O sujeito reconhece a dificuldade enfrentada pelos surdos, a carga histórica de opressão, que é resgatada em seus discursos, como também reconhece a imposição da oralização, a falta de professores bilíngues para sua formação

(“existem casos de crianças não assistida pelos profissionais e por falta de professores bilíngues” – F2; “não tem bilingue para inclusão que surdos estão limite são difícil não tem aquisição de aprender” – F4) e a ausência de políticas públicas para o estabelecimento de uma educação bilíngue (“Então Escola Bilingue para surdos, ajuda muito” – F1; “A todas as escolas de bilingue de educação podem ser desenvolvidos” – F5) que valorize e reconheça a língua de sinais. Todas essas são questões elencadas por esses candidatos surdos.

Sobre essa situação educacional, podemos raciocinar como o faz a professora Quadros:

A língua portuguesa é a L1 de crianças ouvintes brasileiras e, necessariamente, deverá ser ensinada de forma diferente para crianças surdas que a adquirirão como L2. Além do fato de a língua portuguesa não ser a L1 do surdo, há a questão da diferença na modalidade das línguas. A criança surda deverá adquirir uma L2 que se apresenta numa modalidade linguística diferente da sua L1, isto é, ela deverá aprender uma língua GRÁFICO-VISUAL enquanto a sua L1 é VISUAL-ESPACIAL. Os estudos sobre o ensino de L2 partem do pressuposto de que a criança estará adquirindo uma L2 na mesma modalidade linguística de sua L1. Dessa forma, o ensino da L2 - língua portuguesa - para surdos apresenta questões mais complexas que exigem mais investigação. O processo de aquisição de uma L2 em crianças surdas depende de, no mínimo, dois pré-requisitos: (a) a garantia de um processo natural de aquisição de uma L1 e (b) a aquisição da língua escrita, isto é, da alfabetização (1997, p. 111, destaques da autora).

A implantação de uma escola bilíngue é uma das reivindicações da comunidade surda (“Então Escola Bilingue para surdos, ajuda muito, não é igual escola inclusão que surdo vai ficar feliz, entende melhor, comunica facilmente. Libras é primeira a língua e Português é segunda para surdo” – F1; “Na escola próprio bilíngue, o professor sabe Libras ensinaram alunos dos Surdos bem. [...] Os professores ensinaram muitos e coisas dos Surdos aprenderam desenvolvendo bom muito importante educação bilíngue para surdos” – F3). Nessa proposta, a língua de sinais é a língua de instrução nas escolas (L1), e a Língua Portuguesa é a segunda língua, ensinada através da L1. Dessa forma, a língua de sinais tem seu reconhecimento linguístico (QUADROS, 1997, 2010).

A prática do professor sem formação para o ensino bilíngue, criticada pelos surdos, está relacionada, muitas vezes, com a falta de uma política de educação bilíngue e de práticas que considerem a modalidade da língua de sinais. Partindo do princípio de que a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e que o canal de recepção de um usuário dessa língua é o visual, o uso de recursos tecnológicos ou Tecnologia Assistiva poderá ser feito para aumentar os estímulos na recepção da língua de sinais e, por conseguinte, o repertório de vocabulário. Com isso em foco, temos o exemplo de algumas pesquisas, dentre elas uma realizada em uma instituição de habilitação e reabilitação de surdos, localizada no interior de São Paulo, que buscou através da tecnologia Realidade Aumentada (RA)<sup>6</sup>, *software* Libras RA, ensinar vocabulário para alunos. Os pesquisadores

6 Dentre as atividades realizadas na pesquisa, os alunos deveriam sinalizar a figura em Libras, interpretar o sinal da pa-

avaliaram o programa de ensino com RA como eficiente, pois proporcionou o aprendizado para todos os participantes, sendo a tecnologia RA hábil e válida para ampliar a dimensão do processo de ensino-aprendizagem (CARVALHO; MANZINI, 2017).

Com as dificuldades encontradas por educadores na educação de surdos, pesquisas que visem à melhoria do processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos vêm a calhar nesse processo educacional em construção, e isso em prol da comunidade surda, como pode ser observado no trabalho citado.

O processo educacional é um território de lutas no qual se constituem – e ao mesmo tempo se negam – as múltiplas identidades surdas. A natureza das representações sobre a surdez e os surdos, que os educadores têm, certamente interferem e influenciam as representações dos surdos sobre si mesmos e sobre os outros surdos. As relações de poder são assimétricas, assim, ao serem negadas as oportunidades de convivência grupal e o conhecimento da cultura, mais difícil se torna o processo de constituição das identidades surdas, fazendo com que muitos surdos rejeitem sua identidade de surdo e neguem sua diferença (SÁ, 2002, p. 355-356).

Em seus discursos, os surdos expressam resistência (“muito importante educação bilingue para surdos” – F3; “O importante de ensinar a todos os surdos é Libras” – F5), pois, através da valorização de sua cultura e sua identidade, que é essencial para a construção de uma visão sobre a surdez (identidade), o sujeito surdo encontra motivação para resistir e lutar por reconhecimento. Assim, “O indivíduo constrói as razões do sujeito: as suas motivações para passar ao ato e as resistências que se lhe opõem” – trata-se de uma hipótese da Sociologia para Mudança Social, defendida por Pedrosa (2012, p. 9) na ASCD, que o indivíduo pode seguir em suas relações sociais. O fato de ter uma prova de vestibular que atenda às suas necessidades linguísticas (prova traduzida para Libras, presença de tradutor intérprete de Libras) faz com que os sujeitos sintam a experiência de um reconhecimento (HONNETH, 2009) enquanto sujeito de direito (reconhecimento jurídico) e o reconhecimento enquanto membro de uma sociedade (reconhecimento de estima social).

Estudar o Povo Surdo requer um aprofundamento na sua cultura e sua comunidade e, acima de tudo, considerar a heterogeneidade de suas identidades, reconhecendo suas práticas culturais surdas e desprezando o estereótipo de anormal diante do ouvinte, que, como maioria linguística, sustenta as relações de poder diante da minoria linguística, os surdos. Eis uma questão cara aos analistas críticos do discurso, que pretendem, com seus

---

lavra e escrevê-la, ou fazer a leitura da palavra e representar seu sinal correspondente. Havia relações entre a palavra escrita em Língua Portuguesa, a figura e o sinal da palavra em Libras. Nas atividades de construção, as que tiveram melhores resultados foram de construção de sinais em Libras, tanto mediante a figura ou à Língua Portuguesa, sendo a relação com a figura mais significativa do que a relação com a Língua Portuguesa. Os resultados com níveis mais baixos foram os de construção na relação de Língua Portuguesa com a figura ou o sinal em Libras, sendo exigido do aluno que escrevesse a palavra em Língua Portuguesa, tendo percentuais no máximo de 3% inicialmente, e não chegando a 50% no final. Com esse resultado, podemos observar a dificuldade que o aluno surdo tem frente à aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita, podendo em parte ser atribuída à diferença na estrutura (LODI; HARRISON; CAMPOS, 2009) das duas línguas, Libras e Língua Portuguesa (CARVALHO; MANZINI, 2017).

trabalhos, denunciar práticas de opressão e se engajam nas causas das minorias.

Ao fazer uma análise crítica desses discursos, percebemos, através da expressão de emoção (afeto), a autoestima desses sujeitos ao verem a comunidade surda tendo espaço e sendo reconhecida, “Afim de contas, procurar a justiça, a igualdade e a democracia consiste em um ideal inescapável para a ciência crítica” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 79), para a Análise Crítica do Discurso.

## 6 | CONCLUSÃO

Os resultados identificados, ou seja, as reivindicações por uma educação bilíngue dos surdos em suas produções em LP, consolidam a necessidade de olharmos para os Direitos Humanos de forma intercultural, a fim de que não deneguemos os aspectos culturais que nos são diferentes e com os quais podemos estabelecer diálogos por reconhecermos a incompletude de cada uma das culturas e, assim, aprendermos novas lições diárias (SANTOS, 2010a; 2010b; 2020), lições que evoquem “uma nova política de direitos” (SANTOS, 2010a, p. 462) que inclua o reconhecimento e a redistribuição.

Posicionamentos críticos e reflexivos de pesquisadores que desenvolvem projetos de cunho acadêmico (VAN DIJK, 2008), voltados para a leitura crítica da sociedade em que estão inseridos, são respostas de engajamento bastante necessárias para que processos de inclusão aconteçam socialmente diante da distância tão abissal de direitos e privilégios que “escolhem” a quem servir, e isso ocorre de tal forma que se fazem passar como naturalizados.

A análise transdisciplinar, desenvolvida por meio dos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso e da Gramática Sistêmico-Funcional, possibilitou-nos compreender como se efetiva a realidade social dos estudantes surdos em sua complexidade por meio do discurso. Sendo assim, com a análise da materialidade linguística, especialmente por meio do subsistema de avaliatividade, entendemos como as emoções dos atores, os comportamentos humanos e as apreciações exprimem compreensões e vivências do mundo. Por fim, desrespeito, dificuldade, negação de direitos, falta de acesso, opressão, ausência de reconhecimento – problemas sociais elencados nas análises –, nada pode mitigar a luta por reconhecimento, justiça e igualdade na construção da resistência da identidade surda. Essas são atividades para as quais nossa pesquisa e nossa atividade de pesquisadores tentam contribuir minimamente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 99-112.



ALVES, J. B.; PEDROSA, C. E. F. Temática do Enem 2017 e seu marco histórico: análise crítica dos discursos dos simpatizantes pela causa surda. **Revista Espaço**, n. 53, jan./jun. 2020, p. 215-235. ISSN: 2525-6203. DOI: <http://dx.doi.org/10.20395/re.v0i53.655>. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/655/704>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BARROS, Hellenvivian de Alcântara; ALVES, Francisco Regis Vieira. As principais abordagens de ensino para o surdo: e a valorização da cultura dos surdos. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 8, p. 01-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i8.1231>.

CARVALHO, D. de; MANZINI, E. J. Aplicação de um Programa de Ensino de Palavras em Libras Utilizando Tecnologia de Realidade Aumentada. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 215-232, abr./jun., 2017.

CUNHA, João Paulo Lima. “**KD O PAI DESSA CRIANÇA?!**”: Uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de down. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2021, Inédita.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 78-103.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Revisão de Christian M. I. Matthiessen. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. Narrativas e diferenças em língua brasileira de sinais. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 95, p. 95-108, jan./abr., 2016.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A. C. B. et al. (Orgs.). **Letramento e minorias**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 35-46.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2017.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MELO, Iran Ferreira de. História da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 20-35.

PARDO, M. L. Metodologia de da Investigación em Linguística: Reflexiones y propuesta. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 271-288, jul./dez. 2015.

PARDO, M. L. O método sincrônico-diacrônico para análise de textos e a teoria dos deslocamentos. In: RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (Orgs.). **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 173-197.

PEDROSA, C. E. F. Análise crítica do discurso: do linguístico ao social no gênero midiático (interface: letras e comunicação social). In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 9. **Anais...** Tomo 2: Filologia, Linguística e Ensino: CiFeFil: Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>.

PEDROSA, C. E. F. **Abordagem Sociológica e Comunicacional Do Discurso (ASCD)**: uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. Parte 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador. Disponível em: [www.ascd.com.br](http://www.ascd.com.br).

PEDROSA, C. E. F. As identidades individuais, os sujeitos e seus discursos: um estudo a partir da abordagem sociológica e comunicacional do discurso. In: VII SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais. **Anais...** Fortaleza: Ceará, setembro, 2013.

PEDROSA, C. E. F. Análise crítica do discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. In: KALLARRARI, C.; BESSA, D.; PEREIRA, A. S. (Orgs.). **Estudos linguísticos e formação docente**. São Paulo: Pontes, 2016. p. 69-100.

PEDROSA, C. E. F. Análise Crítica do Discurso no PPGL: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, C. B.; LIMA, G. de O. S. (Orgs.). **Estudos Linguísticos e Literários**: Edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS. Aracaju: Criação, 2018. p. 153-178.

PEDROSA, Cleide Emília Faye; CUNHA, João Paulo Lima; BRITO, Maiane Vasconcelos de. Cidadania de resistência: os estudos críticos do discurso e a educação de surdos. SOUZA, Rita de Cácia Santos; BARBOSA, Josilene Souza Lima (Orgs.) **Surdez e Libras**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020. p. 31-55. 216p. ISBN: 978-65-88593-08-0. Disponível em: <http://editoracriacao.com.br/e-books/>. Acesso em: 22 out. 2020.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-73.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. O 'Bi' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 27-37.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montivideu: Uruguai: Ediciones Trilce - Extensión Universitaria, Universidad de la República, 2010b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, S.A., 2020.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. Hoffnagel, J.; Falcone, K. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

VIAN JR., Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 19-29.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 48-77.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. Esp., p. 223-243, 2004.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afinidades 157, 158, 159, 161, 162, 206

Alagoas 109, 110, 111, 112, 113, 114

Alegorias 132, 138

Análise crítica do discurso 65, 66, 67, 71, 76, 78

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 26, 28, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 107, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 125, 128, 130, 132, 133, 137, 138, 139, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 185, 187, 200, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 226

Arte contemporânea 14, 132, 157, 166, 167, 169, 175, 187

Arte moderna no Brasil 116

Arte-sistema 1, 4

Artes visuais 175, 186

Arte urbana 163

Articulação 53, 99, 100, 127, 188

Autor 1, 2, 5, 11, 13, 16, 18, 21, 29, 60, 103, 122, 132, 133, 137, 158, 159, 160, 176, 179, 185

### B

Baixada Fluminense 44, 49

Baixo contínuo 188

### C

Cará-roxo (dioscorea trifida) 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cinema 29, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 223, 226

Colonização 80, 81, 86, 89, 222

Comunidades indígenas 80, 82, 84

Criatividade 14, 42, 58, 219

Cultura 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 110, 115, 122, 125, 130, 155, 156, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 186, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 226

Cultura urbana 163

### D

Dignidade humana 69, 80, 82, 85, 90, 92, 93

Direitos humanos interculturais 65, 67, 68, 69, 71

Documentário 57, 58, 120, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

## **E**

Escultura moderna 4, 116

Estilo 1, 2, 3, 5, 11, 12, 84, 89, 90, 92, 100, 102, 178

Expressão de sentimentos 96, 97, 98, 106

Expressionismo 116, 122, 126, 127, 140, 222

## **F**

Fagote 188

Filosofia da diferença 57, 64

## **G**

Gestão cultural 23, 25, 27, 31, 32, 34, 44, 50, 59, 173

Gestor cultural 21, 22, 28, 31, 32, 33, 34, 59, 60, 63

Giancarlo Mecarelli 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33

Guarani-Kaiowá 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94

## **I**

Identidade 29, 44, 50, 57, 59, 62, 63, 65, 69, 72, 75, 76, 80, 88, 90, 92, 94, 97, 106, 133, 168, 171, 209, 212

Ilustrações 132, 137, 223

## **L**

Lógicas operacionais 1

## **M**

Motivos paisagísticos 140

Mulheres negras 96, 98, 99, 101, 102, 105, 106, 107

Museu 15, 49, 93, 118, 131, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 173

Musicoterapia 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108

## **N**

Neuro ciências 132

Novas estratégias urbanas 163

## **P**

Paraty 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Paraty em foco 34

Performance 99, 157, 159, 161, 188

Pintores canários contemporâneos 140

Pintura moderna 116, 125, 155

Pinturas 118, 127, 132, 142, 144, 156, 214, 215, 217, 219, 222, 224

Políticas culturais 25, 28, 34, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63

Povo surdo 65, 69, 75

Produtos alimentícios não convencionais 109

## **R**

Reacção à era tecnológica 140

Reconhecimento 16, 21, 33, 45, 49, 50, 65, 70, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 116, 117, 127, 128, 130, 217

Redistribuição 65, 70, 76

Regeneração urbana 163

Romantismo 132, 140

## **S**

Sustentabilidade 14, 43, 59, 110, 166

## **T**

Tunga 157, 158, 159, 160, 161, 162

## **V**

Videoarte 175, 176, 184, 185

Violência simbólica 80

# ARTE

## Multiculturalismo e diversidade cultural

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# 2



# ARTE

Multiculturalismo e  
diversidade cultural

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

2

